

M A R I E L L A A U G U S T A

ATRÁS DO “ART NOUVEAU”

Atrás de minha casa morava uma sombra. Era uma grande casa esparramando-se em janelas por todos os lados, tingida por um branco cuja castidade perdera-se toda na expressão mortuária do verde e do cinza que o pincel dos dias escorria pelo seu corpo.

Lá fora, diferentes níveis surpreendiam perspectivas onde cresciam murtas e ciprestes que, mesmo acanhados pela decadência de duas gerações, cobriam de frescura solene aquele lugar onde o início do século vinte congelara sua competência de ser agradável; onde qualquer um se abandonaria, esquecido pela urgência e pela vida.

Atrás dessa casa morava uma sombra. Quando o dia morria nos confins da escuridão, ela aparecia. Vinha da fartura das tumbas e do fogo da cruz para atravessar, com seu passo off-diagonal, os umbrais dos que em sua vida dormiam. Levando na carne a cor agourenta da noite, andava sem fim, sem tropeços, num caminhar atrevido, circense.

Todas as noites a esperava a fim de vê-la passar e passar e passar. Acreditava que dividíamos a agonia da noite sem destino, quando ela apenas ia se depositando na minha vida inteira – como os abismos que a consciência inscreve no corpo – inoculando, nos meus nervos, sem querer, o veneno que eu chamaria para sempre de amor.

Não era com coragem que eu ficava, mas com o risco calculado dos heróis e dos egoístas que querem todas as brincadeiras da caixa. Como os vagabundos que moram na rua, arrisquei-me naquele pacto insalubre com a noite, já nas primeiras horas da vida, quando ainda não existiam os prejuízos da verdade.

Ficava pelo fantasma, que vivendo entre chacais e leões, na beira do horror, movia-se leve em sua calada peregrinação – leve como a lua suspensa no céu e a infinidade de estrelas pronta para cair.

E se nunca me feriu, tampouco gozamos de qualquer estima. Poderia inventar uma memória com o calor e as dimensões de então. Mas, como ninguém há para testemunhar o passado, devo confessar que sua notável presença apenas desconsiderava a minha intromissão. Eu a admirava e ela era o objeto. Casamento morgânico. Amor verde que eu tencionava sazonado.

Ainda posso me lembrar da primeira vez que minha fantasmagórica hóspede se voltou para mim. Protegida pelo compacto *art nouveau* de minha janela, e pelo choro de minha mãe assombrando o quarto ao lado, ousei acender a luz. Sem forma, sem susto ou ímpeto, ela se

virou; talvez por simples respeito àquela que se lhe faltasse não teria vida a minha sombra. Não me arrastou em sua caçada, não transfigurou meu rosto e nem reconheceu a minha cara emotiva. Ainda assim, esbocei um sinal. Iria com ela até as profundezas donde se agitara – a tola submissão dos que amam. Nunca mais o fiz. Compreendi sua discrição. Estava diante de um voo, sem rede, sem pouso, convicto como os justos, mostrando que, ali, solidão não equivaleria jamais a sofrimento.

Noites havia em que sua liberdade a furtava de mim. Em muitas dessas passagens de abandono, ouvi aqueles gritos atormentados, disformes, variados, soltos, verdadeiros. Gritos tão agudos que em sua rápida travessia cortavam o ar brilhando e doendo. Os mesmos gritos que me levaram até a sua máscara medieval desaparecida entre os vãos obsedados por um gozo sem sintomas.

Mesmo que tivesse alguém a quem contar naqueles dias, não poderia – tampouco posso agora. Contudo, desde que o tempo me trancou em casa, e foi desenhar nas cinzas as minhas memórias, peguei-me escavando gavetas. E como o homem é o hábito, ainda anoto o estrato, a dureza e o padrão da gema, só que não me ocupo mais dos juízos, do futuro e da felicidade. Sou agora livre como livres são as crianças com seus sóis azuis e suas luas negras.

Foram aquelas noites de vigília que autorizaram o absurdo, tornando toda escolha um enigma, sacudindo a terra sob a metafísica dos meus pés com medo de altura. Noites às quais sempre volto, buscando reaver o sinais daquela besta que, embora despertasse os medos mais ancestrais, parecia trazer alguma ordem à casa deixada pelo pai que passeava nos infernos.

Por mais austera que seja a necessidade, o amor reinventa o tempo - ainda mais aquele que corria no escuro. Portanto, não posso precisá-lo. Sei que se desprende de nossas vidas como dinheiro daquele que deve; que correu para o nada, enquanto estive imóvel, noite através de noite; acorrentada àquele estranho encontro. Anêmica, trêmula, sentenciada à sucumbência. Cala-se quando se descobre menor. O amor é esse entendimento.

Pavorosamente, um dia, exibida ao sol, estava a minha sombra. Os olhos estrangulados, a pele coberta por veste hirsuta, o sangue seco em sua boca arregalada. Materializada pelo toque obsceno da morte. Trazida a meu testemunho, nua, desmascarada. Vendo-a assim, tão improvável, compreendi que a melhor maneira de amar era de lá mesmo, por detrás da janela.

Mariella Augusta, bacharel em direito, mestre e doutora em literatura brasileira e portuguesa pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), possui pós-doutorado em teoria literária pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL-Unicamp). Atualmente desenvolve pesquisa em literatura inglesa (teatro) na FFLCH-USP. Colaborou com a Folha de S. Paulo. Desenvolve trabalhos interartísticos em teatros e centros culturais. O conto "Atrás do art nouveau" foi reescrito do livro *O fio de Cloto* (Editora Ícone, 2004).